

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: A NIBAL CRUZ

REPRESENTANTE
Em Lisboa

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Avanca, Povoa, Eixo, Oliveirinha, Bonsucesso, Esgueira, Mataduchos, Taboira, Estarreja, Vilarinho e Angeja.

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Darton

ASSINATURA

Ano, série de 50 números	20\$00
Semestre, série de 25 números	10\$00
Estrangeiro, ano 50 números	50\$00
Colónias	30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal de maior circulação na sua terra.

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O mais desenvolvido noticiário de todas as terras da região.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

Doutor Jaime de Magalhães Lima

A morte do eminente pensador, causou no nosso meio, a mais profunda impressão e tristesa

UMA APOTEÓTICA HOMENAGEM PERANTE O SEU CADÁVER

Dobra a finados no carinho das íntimas e afectuosas amidades desta terra, Eixo, do concelho e distrito de Aveiro; e não se pode dizer-se, do país!

Esse dobre plangente e doloroso repercute-se, ao perto, ao longe e ao largo; e impressiona vivamente, comove muitas almas, como me comove a mim profundamente.

Faleceu Jaime de Magalhães Lima! Na sua modesta e recatada vivenda da Quinta de São Francisco do Vale do São da vila de Eixo, que foi reconstruída sob as suas vistas discretas, pacientes, mais ou menos místicas; e onde os mais dilectos cuidados lhe voltaram para os seus queridos eucaliptos, acácias, olivas, mimosas e fruteiras; bento nesses amores da Natureza, refugiado, porventura, dos enganos e ilusões, que outrora lhe tomaram as fôças do corpo e do espírito na sociedade, eis que soltou o último alento e se despediu do mundo o Dr. Jaime de Magalhães Lima, o venerando ancião que era conhecido e respeitado, admirado e amado por toda a gente da sua terra e que em todo o país gosava da mais alta consideração e estima, ao que lhe dava pleno direito, a sua gravidade de porte, a sua inteligência, a sua invulgar cultura, os seus mimosos dotes de talento, ilustração, benevolência, galhardia e bondade.

Quando há pouco tempo ainda tivemos a dor e o infortúnio de ver ferido de idéntico destino o Conselheiro Dr. Luiz de Magalhães, que era como que irmão de Jaime Lima, irmão na bondade, irmão na nobreza e distinção do porte, na riqueza do talento e do carácter, e na confraternização dos torneos literários, o Dr. Jaime Lima, já mais aquebrado e doente, ainda se

arrastou, num esforço supremo, ao funeral do seu dilecto amigo e consócio das letras e de sentimentos; trémulo, apoiado ao braço familiar, pôde ainda assistir a essa homenagem triste; mas o seu estado não iludia; não podia iludir os que mais lhe desejavam o prolongamento da vida, dos que mais lhe queriam e o amavam.

Um amigo dedicado dos dois, da sua affectuosa e íntima convivência, também já de anos avançados, enunciou, a propósito, esta frase que também a ele próprio envolvia: «Está a tocar a última...»; frase do nosso povo religioso e crente, com que designa os toques do sino para a hora da missa conventual e que também no termo da vida se applica.

Pois, com efeito, direi: está a tocar a última; quere dizer—aproxima-se ou vai se efectuando o momento de descer á terra fria da sepultura.

Assim é, na verdade! Um após outro, nos deixaram aqueles dois amigos, aqueles dois vultos generosos, simpáticos, estimados, admirados, amados; e eu sinto, salvas as contingências do tempo e da idade, que me aguarda, breve, um momento idéntico, quem sabe a que distância do fim e

do pensamento com que vou traçando estas pobres linhas, de olhos enevoados, de respeitosa e comovente saudade!

A vida é assim: é precioso aceitá-la, considerá-la tal como ela é.

O Dr. Jaime de Magalhães Lima foi uma figura primacial,

artes, nas oficinas, na agricultura: foi amado porque muito amou a Natureza e os homens.

Foi um sábio, um admirável e generoso mestre de ensino e exemplo; e um desvelado amo! E, assim, o seu nome perdurará através do tempo e do espaço, será muitas vezes lembrado, e invocado o seu nobilíssimo exemplo de bondade, de modéstia, de amor ao trabalho, ao estudo, ao saber, a tudo que pode aproximar os homens, na família e na sociedade, em ordem ao mais puro amor de Deus da humanidade.—P. V.

Nas suas recomendações testamentárias o extinto deixou escrito, acerca do seu funeral, o seguinte:

«Desejo ser sepultado no cemitério do lugar onde falecer, e instantemente rogo a quem do meu funeral houver de tratar, a caridade de cuidar que este seja humilíssimo: em caixão, sem o mínimo adorno, acompanhado a um só sacerdote da igreja católica, á qual pertence, e dando o meu corpo á terra de modo que esta o consuma o mais prontamente possível.

«Aos meus parentes e amigos peço que por minha morte não usem o mais pequeno

sinal de luto, nem em si, nem em suas casas, e antes tudo e todos continuem como se eu vivo fôsse e com eles estivesse e contente.

«A morte não é pena, é uma glorificação da saúde. Oxalá a merecesse daqueles que eu amei e me amaram e aos quais pelo seu amor lhes beijo as mãos».

Esta sua vontade foi satisfeita, sendo o cadáver encerrado em caixão simples e sepultado como qualquer mortal.

Antes de ser lançado á terra o corpo de Jaime de Magalhães Lima a multidão rodeia-o e no meio de comovedor silencio o

Dr. Alberto Souto

compungido, diz:

«Falando neste cemitério á beira do coval de Jaime de Magalhães Lima não desejo perturbar a simplicidade do enterro do Justo.

Funeral sem pompa, pobre e humilde por vontade expressa do grande espírito que acaba de se evolar e nos deixa no seu corpo apenas uma reliquia veneranda, não seria nunca a minha palavra desengalanada e modesta que lhe daria a magnificência que os admiradores de Jaime de Magalhães Lima lhe desejariam imprimir. Mas dir-se-ia que os amigos o esqueciam e que as glórias do mundo passam tão depressa que a menos de dois anos da romagem apoteótica que o povo de Aveiro e Eixo fez á Quinta de São Francisco, já não havia quem lembrasse neste momento a grandeza do finado e quem trouxesse na evocação da palavra o eco da voz da multidão que na hora festiva por aqui passou, aclamando-o.

Não venho, porém, fazer o seu elogio fúnebre nem falar em nome da filosofia ou das letras, da crítica ou da política, do pensamento ou da arte que o tiveram por cultor e em que ele foi príncipe.

Quero dizer-lhe apenas o adeus do povo, do povo que ele, sem

(Conclui na 4.ª pagina).



DR. JAIME DE MAGALHÃES LIMA

generosa, simpática, veneranda.

Em todas as classes da sociedade tinha amigos e admiradores, amigos respeitadores, admiradores das suas virtudes.

Deixou um nome estimado, admirado, venerando, na classe dos estudiosos e literatos, nas letras e nas ciências, nas

milíssimo: em caixão, sem o mínimo adorno, acompanhado a um só sacerdote da igreja católica, á qual pertence, e dando o meu corpo á terra de modo que esta o consuma o mais prontamente possível.

«Aos meus parentes e amigos peço que por minha morte não usem o mais pequeno

A instrução no nosso país

Baixou consideravelmente no ano que fincou o número dos iletrados.

Alegre-nos bastante sabermos que alguma coisa de importante se tem feito sobre este assunto, tendo para elle contribuído em parte a pequena imprensa, que não deixou de continuar pôr em prática o seu at-que violento ao esquecimento que se ia votando ao ensino no nosso país.

Ao contrário do que dizia um jornal da classe do professorado primário, não foi d'êlê que partiu o primeiro eco, aquele gemido agudo e lacerante, pe'lindo elemência para o desprêso a que era votada a escola primária. E' necessário dar a Cesar o que pertence a Cesar, e, portanto, assim, devemos dar a honra ao *Diário de Noticias*, jornal de onde nasceu a campanha contra o analfabetismo.

Esta campanha durou bastante tempo, e só depois, os outros periódicos saíram do seu silêncio e começaram na mesma campanha. As adesões foram numerosas, de todos os lados nasciam os mesmos rogos, as mesmas vontades, aquelas de fazer do nosso país alguma coisa de grande, tornando-lhe os homens mais puros e com os cérebros perfeitos. «Água mol em pedra dura...» E assim os gritos calaram bem fundo, chegando ao auge onde os superintendentes se deleitavam noutros assuntos não de menos importância para o nosso país e feriram-lhe os ouvidos como toque arrepiador da marcha guerreira. Começaram, portanto a ter valor, a ser considerados e louvados todos aqueles que, para a onda negra e avolumada que mergulhava a nação, tinham dado toda a sua vontade e inteligência.

Era a Escola Primária aquela que agora começava a ser modificada. Esquecia-se a memorável Cartilha de João de Deus, um tanto quanto impercebível para os cerebros pequeninos da época, e nasciam como formigas inumeras cartilhas, interessantes, atraentes, cheias de pinturas e desenhos para aclarar e intereçar a criança.

Os resultados foram bastantes lisongeiros e o professor dentro da sua escola tinha mais gosto, porque o seu trabalho embora árduo—árduo e espinhoso—era coroado do me-

lhor êxito.

Mais tarde, não só se pensava do cérebro pequenino, como ainda naquele já formado e atrofiado do trabalho, das canceiras.

Formou-se a escola nocturna, e nela incensaram todos quantos desejavam.

Alguna coisa se fez, muito, posso afirmar, cultivavam as letras com a mesma vontade como outrora cultivavam a terra, com a mesma vontade, o mesmo esforço para no futuro melhor e aprasivelmente poderem conhecer a vida, esta que é todo um puro engano, um punhado de incertezas. Não bastou... Não era o suficiente!... E enquanto a pequena imprensa continuava no seu esforço heroico e bemfazejo, o governo pensava em pouco a pouco ir remediando, como a exemplos das outras nações visinhas, o mal que ainda era grande.

Se bem o pensou, em pouco o remediou, e fez criar o Posto de Ensino.

Hoje dentro do nosso país são em número considerável os que estão em exercício.

Grande obra, incomensurável obra esta que está patente aos olhos de todos os portugueses, destes que ainda sentem pulsar dentro das veias, aquele sangue dos nossos antepassados.

Vasta e luminosa obra deste Estado Novo, que tão dignamente, briosamente tem sabido conquistar loiros sobre loiros, dando conta à nação de actos que só nos honram, vamos portanto a caminho da luz, daquela luz que deve ser geral, alumando tudo e todos, para mostrar aos outros que Portugal é, e será através de todos os séculos, o país que se levanta para ser respeitado perante o mundo inteiro.

Que cada português saiba compreender o seu papel, já que estamos na resolução dum problema, cuja parte importante foi representada pelo carinho da pequena imprensa. E um dia, quando o toque supremo soar, anunciando completamente banido o germen que é toda a nossa desgraça, que se erguem todos os cérebros risonhos, a olhar o passado, êsse passado que apenas foi luto e dôr.

Vila Facaia, 3-III-936.

Mário Gomes de Carvalho

Grupo "Os Famintos"

Em Lisboa, acaba de organizar-se um grupo denominado «Os Famintos», ao qual pertencem os nossos amigos srs.: Luís Alberto Carvalho Cola, António Braz Calvo, Gabriel Truol, Joaquim S. e Raul Neves Fragata, e, como é

de prevêr, os seus fins são para recrear o espírito e animar o estômago, pois que tem boa cota para bem calado viajar em fragata em mar de neves com salvação de S. Gabriel, mas todos os seus membros estão sujeitos a graves penalidades se se meterem com a imoralidade...

Oxalá que *Os Famintos* tenham uma eterna confraternização, são os nossos votos.

RABISCOS

UMA CARTA

Todo o dia esperei e já sabia que não vinhas. A tua carta foi uma mentira piedosa. Ainda me beijas e já não são meus os teus beijos. A' mesma hora em que a recebia, partias tu para o estrangeiro, alvorçada por êsse grande amor, que é um crime.

Grande, porque tu sabes amar, sacrificando-te a todas as loucuras; criminoso, porque abandonas essa pobre criança que é tua filha, entregue aos cuidados duma estranha.

Mais uma aventura que será uma desilusão!...

Quando os teus olhos se causarem do mundo novo, quando o teu coração começar a bater devagarinho, aflito e recioso, saberás então o que é o sofrimento.

É possível que penses em mim, com saudade, a mesma que me faz chorar, neste momento, com lágrimas de desespero, amarrando entre as mãos a tua carta fútil de mentira.

Será muito tarde... Outra mulher substituirá, na minha alma, talvez a minha imagem, uma mais bela, carinhosa e doce, como o não soubeste ou não quizeste sêr.

Foi nossa felicidade, pequeno o mundo para conter o nosso amor infundável, o rozário de beijos que rezamos juntos! E agora? Onde vais, nessa aventura louca, que há-de acabar mais cedo ainda do que a desilusão?...

Quando regressares, se acaso um dia regressares, tudo estará mudado ou perdido. A tua filha já não saberá dizer carinhosa e suplicante: — mãezinha! mãezinha!... E isso, podes ter a certeza, será o teu grande castigo—o castigo implacável que te há-de despedaçar a vida para todo o sempre.

Lisboa, março 1936.

Alexandre Lima.

No Bairro do Arco do Cego

Abertura dum talho

Em Lisboa, no Bairro Social do Arco do Cego, na rua Braz Pacheco, n.º 11, acaba de abrir um esplendido talho o nosso bom amigo sr. Policarpo Nunes de Sousa, estimado filho de Angeja, há muitos anos residente na capital, onde gosa de inumeras simpatias pelas suas excelentes qualidades de trabalho.

O novo estabelecimento, que vai servir um populoso bairro, está instalado com todas as exigências de hygiene e oxalá que o seu proprietário veja coroados de bom êxito todos os seus esforços.

IMPRENSA

«O DEMOCRATA»

Completo no penultimo sábado o 29.º ano de publicação o brilhante semanário republicano de Aveiro *O Democrata*.

A sua existência tem sido uma verdadeira e intensa batalha em prol dos sublimes principios defendidos pelos candilhos republicanos do tempo da propaganda, o que lhe tem custado rancorosas perseguições movidas por parte daqueles que têm chafurdado na gamela da República.

Saudamos *O Democrata*, enviando um cordeal abraço ao seu honesto e ilustre director sr. Arnaldo Ribeiro, augurando-lhe as felicidades de que é digno.

A Propósito

do artigo «*Psicologia da Saúde*», publicado na

Revista «*Seara Nova*»

Com muito interesse e não menos curiosidade, lêmos os artigos que, sob a epigrafe *Psicologia da Saúde*, foram publicados nos números 459 e 460 da Revista «*Seara Nova*».

Não é n'isso intuito vir entabular controversia acerca de tal assunto, porém, é-nos licito emitir a nossa modesta, mas muito sentida opinião, a qual, até certo ponto, não discorda da do ilustre articulista.

Esse ponto do nosso perfeito acôrdo, é aquele em que a palavra *Saúde* é citada como o expoente de um sentimento especialissimo, evocador d'aqueles parentes ou amigos, que do nosso convívio se afastaram, para longe da vista mas não do coração, e do que passou e longe vai, pelo espaço ou pelo tempo, e que, tendo-nos, por alguma forma, impressionado, e nos apresenta, frequentemente, na memória ou na recordação, encantando-nos sempre, quer pelo seu agradável ou lédo, quer—embora isso pareça paradoxal—pelo seu triste ou doloroso.

Tudo méra questão de sensibilidade! Mas, condenar quem, voltendo os olhos para o Passado, como que contemplando, ou antes, como que revivendo as horas, boas ou más—que importa!—mas gratas ao seu sentir, busca n'elas, muitas vezes, a coragem ou o lenitivo para as agruras das horas do Presente, é que achamos demasiado forte, excessivamente injusto, para não dizermos um verdadeiro contra-censo.

Sim, porque se, como incentivo e ezemplo para as novas gerações, a cada passo, a propósito de tudo e,—quantas vezes!—a despropósito, são citados os feitos, as acções, os heroismos, as glórias dos nossos antepassados; se é no culto d'esse Passado, que se pretende formar e firmar o valor da mocidade actual—o valor da Raça Portuguesa;—com que direito, e com que lógica, se diz que «são amantes da rotina» e que «odeiam a novidade e a luz que a não vêem, ou não querem vê-la», os que vêem, justamente na *Saúde*, essa luz que só não ilumina e conforta aqueles que, por simples personalismo, resolveram não a querer vêr?!

O sentimento que o termo *Saúde* exprime, é tão vasto e tão diversa e complexamente expressivo, que bastam as citações feitas nos dois referidos artigos, da *Seara Nova*, de poetas e prosadores, dos mais distintos, para o glorificar; e, no que respeita propriamente à palavra, basta, também, dizer-se que, literatos e filólogos eminentes a têm considerado a mais bela entre as mais belas, de todas as linguas, e sem equivalencia absoluta em nenhuma

d'elas.

Quanto ao Fado, também citado no primeiro dos mencionados artigos, oferece-se-nos dizer que não vemos razão para não ser considerado, caracteristicamente, uma *Canção Nacional*, como tantas outras canções que o nosso abundante folklore encerra, e são, caracteristicas e tipicamente, portuguesas.

A despeito da transcrição feita, da apreciação—melhor diríamos depreciação—do Fado, de Fialho d'Almeida, permitimo-nos lembrar que o Fado também teve a sua epoca de prestigio; cantaram-o verdadeiros fidalgos de raça, foi ouvido em Palacios Reaes e nobres moradias, musicografos distinctos não desdenharam compô-lo, e afamados poetas deram-lhe primores da sua inspiração.

O que fez decair o Fado? Porque caiu no desagrado?

Simplemente porque, um assaz numeroso grupo de ociosos de ambos os sexos, sem a menor disposição para exercereu, eapazmente, qualquer occupação social, se lembrou de armar em «cultivadores da canção nacional», apresentando-se, sem o menor vislumbre de pudor em quantos recintos lhe foram facultados pela falta de escrúpulo e pela ganancia dos seus proprietarios, e porque, outro não menos numeroso grupo de incompetentes, alguns pouco mais do que analfabetos, se lembrou de alinhar no innocente papel, os acervos de disparates que seudiam ás suas enfezadas mentes, reveladores de absoluta ignorancia do sentido poetico, e tratando, apenas, assuntos mórbidos, deprimentes, demoralisadores; auctores e interpretes actuando livremente, sem que a menor repressão da Auctoridade, como zeladora da dignidade e da educação do povo, se fizesse sentir.

E assim é que, ainda hoje, infelizmente, enformamos, embora já menos, do mesmo lastimavel mal.

Proibam-se, totalmente, tais exhibições, tão prejudiciais à própria cultura popular, consentindo-se, tómente, aquelas em que, a qualidade dos interpretes é, muito especialmente, o mérito da letra, possam, de facto sintetisar o verdadeiro Fado; e assim, esta — *Canção Nacional* como muitas outras de todo o Portugal—voltará a merecer, de nobres e plebeus, de *gregos e troianos*, o apreço que já fruiu, e que tem direitos, e que, finalmente, o reabilitará.

Lisboa, 2-3-1936

Joaquim José Barata

Resignação

A JULIA TAVARES DA SILVA
Minha noiva querida,

Suptiquei na missiva, que escrevi, Um baço de ternura e de saudade, P'ra nêlê vir cativa, para aqui, A tua alma, em doçura e castidade.

Tu recusaste altiva, e eu caí, P'ra sempre, na tortura da ansiedade; Minha alma anda á deriva, e eu morri Num sofrer de amargura e crueldade.

Meu coração quedou frio e inerte, Assim como gelou meu beijo, ao vêr-te Tão indifrente ao pé dos sonhos meus.

Entreguei resignado o corpo ao misto, Porque o de venturado e meigo Cristo Também sofreu e é filho de Deus.

João Pereira Bastos, filho.

Manuel Garrido & Garrido, L.^{da}

Armazens de Sacaria em todas as medidas e qualidades para Carvão, Cereais, Adubos, Cortiças, Batatas, Minerais, Panos para Azeitona, etc., etc.

Aos melhores preços do mercado

====Telefone 20332====

Encarrega-se de todos os fornecimentos para a Provincia.

162, Rua dos Bacalhuciros, 164

LISBOA



CARTEIRA ELEGANTE

ANOS

No dia 26 do mês passado completou 11 risonhas primaveras a interessante menina Maria Emilia da Costa Silva, filhinha do nosso estimado assinante sr. Manuel Maria da Silva e de sua dedicada esposa sr.^a D. Raquel da Costa Silva, laureados proprietários da importante Padaria e Merceria Aveitense, em Caneças.

Também festejou no dia 2 do corrente, os seus 26 aniversários, o nosso amigo e assinante sr. Arnaldo Pereira Quaresma.

Passou no último dia 5 o aniversário natalício do nosso amigo e assinante sr. Alfredo da Silva Pinto Ferreira, inteligente funcionário da Alfândega em Moçambique.

Em 5 do corrente, também completou 5 verdes anos, o menino Manuel da Silva Samartinho Júnior, filhinho do nosso assinante sr. Manuel da Silva Samartinho e de sua esposa sr.^a Maria Tavares da Silva, industriais de padaria na importante vila de Lamarosa.

Igualmente no dia 5 do corrente, completou 27 aniversários natalícios, o nosso estimado conterrâneo e digníssimo facultativo em Albergaria-a-Velha, sr. Dr. Armando Rodrigues Simões.

Completa hoje em Ovar, 18 aniversários a sr.^a Vitória Ventura da Silva, filha do grande proprietário naquela localidade e nosso assinante sr. Joaquim Ventura da Silva e sua esposa sr.^a Ana Nogueira da Silva.

Também na mesma vila de Ovar, passa hoje, 7 de Março, os 7 aniversários natalícios a simpática menina Maria José, filhinha do nosso íntimo amigo e assinante sr. Abílio Gonçalves e sua esposa sr.^a Rosalina Tavares de Souza.

Amanhã, dia 8 completa 39 aniversários em Espinho, a sr.^a D. Maria Nunes da Silva, esposa do nosso amigo e assinante sr. Joaquim da Silva Matos, industriais de padaria.

Também no dia 9 passa mais uma risonha primavera a menina Emilia, filhinha do sr. Manuel Francisco Corujo.

No dia 10 do corrente, completa 29 primaveras a sr.^a Maria Aurora Alves Pedrosa Pinto, esposa do nosso assinante sr. Anibal dos Santos Pinto, panificadores em Gaia.

Em 12, passa mais um aniversário a sr.^a Joana Rodrigues dos Santos, esposa do nosso assinante sr. António Francisco, ambos estes empregados da C. P. em Avanca.

Também no mesmo dia 12, completa 44 aniversários o nosso solícito correspondente em Mataduros, sr. Arnaldo José de Sousa Silva.

A todos os aniversariantes endereçamos os nossos parabéns, fazendo ardentes votos pelas suas prosperidades.

ESTADAS

No último domingo gordo, esteve em Cacia com sua esposa, o nosso estimado assinante sr. João Francisco Teixeira, industrial na F. da Foz.

Vindo de Alhandra, onde é empregado, está na companhia de sua mãe passando 15 dias de licença, o nosso assinante sr. José Maria Baptista Ramos, que veio acompanhado por

seus manos António e Adélia Ramos da Costa.

Vindo de Algés, onde é industrial de panificação, esteve em Vilarinho uns dias na companhia de sua família, o nosso amigo sr. António Maria da Silva.

Esteve no último domingo na Quinta, em visita a seus pais, o nosso amigo e assinante sr. Guilherme Nunes Marques, empregado superior da firma Teixeira & Irmão, na Figueira da Foz.

Também vindo de Lisboa, para onde já se retirou, esteve na última semana na Quinta, o nosso amigo e assinante sr. João Nunes da Cruz.

DOENTES

Foi há dias operado ao estômago, no hospital de S. José, o nosso prezado amigo sr. José Luís, estimado funcionário da P. S. P. de Lisboa, e genro do nosso também muito amigo sr. Joaquim Barata.

A operação, felizmente, decorreu bem, encontrando-se o doente em via de restabelecimento.

NA REDACÇÃO

No último domingo estiveram em nossa redacção apresentando-nos os seus cumprimentos, os nossos estimados amigos sr.^s Manuel Alves da Silva, João Esteves das Neves, António Nunes de Pinho, João Lourenço, Evaristo dos Santos Abreu, José António dos Santos, Estevam Ferreira, João dos Santos Rodrigues, Dionísio Rodrigues dos Santos, Albano António Abrantes, João Nunes da Cruz, António Gomes Pinto, José Baptista Ramos e Sebastião Rodrigues da Silva.

RETIRADAS

Com destino a Amadora, Lisboa, onde foi acentar praça, retirou-se da Quinta depois de aqui estar uns dias com sua família, o nosso amigo e assinante sr. Adelino Marques Baptista.

Também para Coimbra, onde se foi apresentar na Padaria Militar, se retirou daqui o outro nosso amigo sr. Manuel Rodrigues Felix.

Ao primeiro, os nossos agradecimentos pelas suas amáveis palavras em nossa redacção quando de nós se veio despedir.

Carácter de ministros

Henrique IV explicou a um embaixador de Espanha, dum modo bastante singular, o carácter dos seus três ministros. Mandou chamar Villeroi e disse-lhe:

—Olhe que há ali no tecto uma trave que ameaça ruína.

—Ah! pois bem, meu senhor, respondeu o cortezão sem levantar a cabeça, eu já a vou mandar concertar.

Chamou depois o presidente Jeannin, e repetiu-lhe o mesmo: Será bom sempre mandar examinar a trave, acudiu obsequiosamente o cauteloso ministro.

Repete a mesma cena com Sully; mas este, que era franco e rude, olhou para a trave e disse: —Ora adeus, meu senhor, deixe-se vossa magestade de histórias, a trave está seguríssima.

E assim, num momento, se desenhou fielmente o carácter dos três ministros.

Carapuças de Angeja

A minha vila formosa, pátria de Grandes e Ilustres, cantada noutros tempos por poetas de delicada musa e com uma história que deslumbra e encanta, triste é dizê-lo que também é berço de «enfermos letrados» que, talvez, na melhor das intenções de engrandecer, a arrastam vergonhosamente pelas ruas do Ridículo, a ponto—será pobre a comparação? —de nem sequer rivalizarem com a «pose» do meu burro quando enverga albarda nova e coberta imitando Jamasco para me levar até a Albergaria em dia de audiência.

Angeja, linda rainha,
Veste luto bem pesado,
Por teres quem tenha «pinha»
P'ra fazer verso quebrado.

Tanto querem elevar-te
Cá no «Ecos de Cacia»...
Que só de bacamarle
Se destrói tanta... «poesia».

Mas perdoai-lhe, leitores,
«O reino dos céus está cheio!»...
Até o meu burro, senhores,
Quando usa novo arreio
Se compára aos «doutores»...

26-11-936.

Manuel do Aido.

Telefonêma de Algés

—Está lá?
—Tá!...
—É o sr. Redactor que fala?
—É, é... E daí?
—Daqui fala de Algés. Então como vai essa saúde, sr. Redactor?
—Assim, assim, meu caro amigo. E você?

—Vai agente por aqui indo com muito inverno. Ainda numa das últimas noites houve cá uma grande cheia que pôs em sério risco o estabelecimento do nosso simpático amigo Berbigão.

—Sim?... Que desgraça!...
—É verdade. Ainda agora estive em casa dele, e, como você sabe, o nosso Berbigão é um homem bizarramente corado, mas fui encontrá-lo amarelo como uma cidra; até estava a gaguejar por ter sido uma grande vítima dos últimos temporais. Calcule você, amigo sr. Redactor, passou por lá um «esmifra» dum temporal que até lhe levou as melhores cabacas que tinha no quintal. Foi um medo-nho temporal!...

—Ora, o meu amigo muito me conta...
—É verdade, sr. Redactor. Mas sabe para quem o tempo tem sido bom? É para os rapazes de Vilarinho, empregados na padaria Barbosa & Silva, pois têm pescado cá certêla, no Tejo, soberbas caldeiradas de enguias.

—Não me diga isso...
—Então o amigo não tem ajudado a comer as caldeiradas?

—Não; nunca recebi convite algum.

—Ah!... Por isso eles dizem que as comem bem sósinhos. Ainda um dia destes o Zé Falador apanhou um grande...

—Um grande quê?
—Um grande brazino! Daqueles que costumam vir por água abaixo lá dos campos de Santarém. E comeu-o sósinho, sem que desse cavaco aos parceiros. Por isso o nosso compadre «Esmifra» está pior que uma barata. E com muita razão... O Zé Falador não devia praticar uma desfeita daquelas. Mas deixá-lo, que quando en fôr pescar cá certêla já não há-de acontecer o mesmo. Até lá-de vir cá o sr. Redactor. Valen?

—Obrigado, obrigado pela atenção. Mas não me telefone, antes me mande um telegrama pa' a ser mais rápido.

—Nessa não caiu eu!... Ainda no dia 24 de Dezembro último me foi enviado um telegrama de boas-festas de Souto da Branca, expedido às 12 horas, só o recebi no dia 28 à 16 horas. Se calhar, foi por custar 1\$00. Antes me escrevesse um postal que decerto o recebia mais cedo. Se lhe telegrafasse, até você chegar, estragavam-se as enguias.

—Em vista disso, então telefone-me ou ligue para a Graça que o Teixeira dirá alguma coisa. E adeus e recomende-me à rapaziada amigo.

Brito.

Morte duma criança

A' hora que o nosso jornal entra na máquina morreu, apenas com 27 dias de idade, a filhinha da sr.^a Maria Augusta Tavares e do sr. José Ferreira Santiago, Cacia.

Grupo Musical Caciense

2.^a Convocação

Não se tendo reunido socios em número legal, nos termos dos respectivos Estatutos, para poder funcionar, no dia primitivamente assignado, a Assembleia Geral Ordinaria daquela agremiação, foi designado o dia 15 do corrente mez, pelas 17 horas, para, com qualquer número de socios, ter lugar a mesma assembleia geral, na sede competente a-fim-de conhecer do relatório, balanço e contas relativas à última gerencia, apresentados pela direcção do referido Grupo e proceder à sua aprovação, bem como à eleição dos seus corpos gerentes.

Cacia, 1 de Março de 1936.

O presidente da Assembleia Geral,
Manuel Nunes da Silva.

Necrologia

Joaquina da Conceição
Briçida Gomes

Acabamos de receber a dolorosa notícia de que, em Lisboa, no dia 25 de Fevereiro, succumbiu, após prolongado sofrimento, a sr.^a D. Joaquina da Conceição Briçida Gomes, estremosíssima esposa do nosso bom amigo e assinante sr. Manuel Mateus Gomes.

A saudosa extinta era dotada de excelsas qualidades que a tornavam uma bondosa esposa, realizando-se o seu funeral, que foi bastante concorrido por pessoas de todas as categorias sociais, no dia 26 do mesmo mês, pelas 16 horas, da sua residência rua Vasco da Gama, 46-2.º Esq.º, para o cemitério dos Prazeres, onde ficaram os restos mortais depositados em jazigo municipal.

Ao dorido espôso, assim como a demais família enlutada, apresenta o *Ecos de Cacia* o cartão de sentidas condolências.

Jornal em Angeja

Informa-nos um grupo de angejenses, residentes em Lisboa, que brevemente será publicado um jornal que, como órgão defensor dos interesses da linda e importante vila de Angeja, preencherá a falta de imprensa notada neste populoso meio e muito contribuirá para que se ventidem problemas que dizem respeito á vida regionalista.

Seja bem-vindo o novo jornal, por que o nosso desejo é que nos ajudem nesta cruzada: engrandecer a região do Vouga.

Padaria Central Aveirense

Trespasa-se por motivo de doença, cosendo regularmente e bem afreguesada. Tem todos os seus documentos legais. Situada no melhor ponto da vila.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário Manuel da Silva Almeida.—ALCOBAÇA (14)

NOTÍCIAS DE MATADUÇOS

CASAMENTO — Teve lugar na Igreja matriz no último domingo o enlace matrimonial da gentil menina Maria Marques da Cunha de 26 anos, desta localidade, filha dileta da sr.^a Maria Marques da Cunha e de seu esposo, José Marques da Cunha, já falecido, com o sr. Manuel R. da Paula de 24 anos do vizinho lugar do Paço, filho da sr.^a Maria R. da Silva, e do sr. Luiz R. da Paula.

Serviram de padrinhos, pela noiva o sr. Manuel Dias dos Santos, importante industrial, e Joana Marques da Cunha, pelo noivo, Manuel R. Paulo e Angelica Rodrigues Paula.

Os noivos que fixaram residência em Almieira apresentamos parabéns com o desejo de uma feliz e prolongada lua de mel.

AS RUAS. — Estão já muito perto as festas da terra, festas estas que todos os anos aqui atraem muitas centenas de forasteiros, e as ruas estão ainda em pecimo estado.

É conveniente que se concentrem quanto antes, para que, os nossos estimados visitantes que todos os anos nos honram com a sua visita, não retirem daqui mal impresionados.

Em certo tempo sabíamos nós a quem nos podíamos dirigir para este fim, mas isso foi tempo, agora perguntamos: quem é o zelador das valetas? Quem é?

FALECIMENTO. — Na madrugada do dia 3 pelas 3 horas, e depois de prolongado sofrimento, faleceu na casa de sua residência desta localidade, a sr.^a Luiza Maia, mãe dos sr.^s Maria da Luz Maia e de Manuel da Cunha Maia, este actualmente com residência fixa em Angra do Heroísmo.

A' família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

O TEMPORAL. — Continua fazendo varios estragos, principalmente no arvoredado e muros.

BOM NEGOCIO. — Dizem-nos que a Fifi e o Lulu, estão satisfetíssimos com o negócio da Ginginha.

Pois o liquido é doce!...

Carraxil.

O Sol

A desgostar a população da Terra só faltava o Sol.

Vejam os leitores há quanto tempo ele mal nos aparece sob o azul do céu!... E só por essa ligeira aparição é que nós podemos dizer que um e outro, tal como dantes, ainda existem...

O Sol a fazer-nos mergulhar o espírito em trevas, quando tão perto já vem a prima-veral!

O Sol que, como o melro, como dizia Junqueiro, foi madrugador, jovial...

Que mal te fez a Terra, que mal te fizemos nós, ó belo astro de oiro?

Padaria

Trespasa-se ou arrenda-se uma bem situada no centro de Pabão, Soure, cosendo 25 sacos mensais.

Quem pretender, dirija-se ao seu proprietário João Ascenção das Neves.

(4) Paleão—SOURE

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a 4.^a página.

ECOS & NOTÍCIAS

A ESCOLA DA QUINTA

Uma comissão de habitantes da Quinta do Loureiro, à frente da qual se encontra e estimado comerciante na capital e nosso querido amigo sr. Manuel Rodrigues Carvalho, procurou há dias em Lisboa o ilustre protector da nossa freguesia sr. major José Afonso Lucas, a quem solicitou para tratar da reabertura da Escola Primária Mixta deste lugar, que foi extinta por falta de frequência.

Sua Excelência, sempre pronto a dedicar às suas atenções a causa da instrução do nosso povo, imediatamente conferenciou com as entidades competentes, e já temos as melhores informes que a referida Escola vai brevemente ser reaberta, sendo, porém, do nosso dever aconselhar desde já a todos os interessados que mandem as crianças à escola, para que não volte a suceder igual caso numa população onde há grande número de crianças em idade escolar.

Se a aspiração do povo da Quinta é conservar a sua escola, necessário é que a sua frequência seja assídua e proveitosa!

CORONEL MANUEL M.

COELHO

Após uma pertinaz doença, que o reteve no leito, na sua residência de Lisboa, encontra-se já felizmente, restabelecido o nosso ilustre amigo sr. coronel Manuel Maria Coelho, o heróico «tenente Coelho» da revolução de 31 de Janeiro de 1891.

Cumprimentamos o ilustre militar e venerando democrata.

A BELGICA MÁRTIR

Van Zeeland, chefe do governo da Belgica, — a nação mártir da Grande Guerra, respondendo às perguntas que lhe foram feitas sobre a questão dos mandatos coloniais, recentemente levantada na Câmara dos Comuns da Inglaterra, por Lloyd Gorge, disse:

«A Belgica nunca considerou nem poderia considerar que fossem de novo restituídas à Alemanha as suas antigas colónias, que custaram aos aliados milhões de vidas, somas incalculáveis e enormes sacrifícios. A Guerra de 1914, com as suas terríveis e funestas consequências, trouxe a todo o Mundo a depressão económica e o mal estar que ainda hoje se nota; portanto, aqueles que a fizeram devem colher os frutos da sua demedida ambição».

Enérgica afirmação da Belgica, cheia de Justiça e que nenhum povo lhe poderá negar, porque ela foi mártir, sofreu sacrifícios que já mais será opagos.

A GUERRA E A ITÁLIA

As despesas extraordinárias autorizadas por decreto, desde o dia 20 de junho último, para a campanha da Africa Oriental (guerra com a Itiopia), montam a 6 bilhões, 170 milhões de liras, divididas pelos seguintes ministérios:

Guerra, 2 bilhões, 730 milhões; Marinha, 625 milhões; Aeronáutica, 850 milhões; Colónias, 1 bilhão, 800 milhões; Interior, 164 milhões e 650 mil liras; Estrangeiros, 350 mil liras.

Estas despesas estão divididas pelos exercícios orçamentais de 1935-36 e 1936-37.

Nem só do pão vive o homem...

Se o homem não pode viver só do pão, por que tem também que alimentar o espírito, é justo que procure alcançar essa dupla alimentação: a do estomago e a do espírito.

Não se pode negar ao homem o direito de cultivar-se espiritualmente, como não se deve nem se pode recusar o direito à vida a quem quer que seja.

É certo que existe ainda hoje uma organização social imperfeita, que não permite que todos tenham devidamente assegurada a sua existência com o produto do seu trabalho, mas tudo se vai transformando no sentido de melhorar a actual organização social. Pouco faltará, portanto, para que todos tenham garantida a alimentação do estomago.

É verdade que muitos homens se sentirão felizes e completamente satisfeitos com a solução desse problema, visto que a sua principal preocupação é comer, mas outros continuarão pugnando pela alimentação do espírito, pela razão simples de que o homem deve fazer alguma diferença do porco ou do burro.

É de toda a vantagem a existência de um povo instruído, e por isso o Estado proporciona os meios indispensáveis para que todos se instrua.

Em Cacia existe uma percentagem muito reduzida de indivíduos com instrução. Os trabalhadores do campo são na sua totalidade analfabetos e os operários dos diversos officios são poucos os que manifestam instrução.

Mesmo entre as classes possuindo

ras de alguma cultura, é fácil encontrar quem ignore a existência das mais vulgares manifestações da Arte, das Letras e da Ciência, pois que não convivem, nem lêem.

Era muito interessante que se procurasse um remédio para este estado de coisas.

A importante freguesia de Cacia deve marcar no espiritual, por uma razoável illustração de todos os seus habitantes.

Para que se consiga um pouco do que desejamos, isto é, para que se consiga que os habitantes de Cacia se instrua, alvitramos a realização de conferências culturais por indivíduos sabedores, não só de Cacia como de outras localidades da nossa região, conferências públicas onde o povo pudesse ouvir sem nada pagar, e que fossem feitas em linguagem acessível a todos e sobre assuntos que a todos interessasse.

Uma série de conferências, feitas por bons oradores, mas da forma apontada, muito deve contribuir para que a grande maioria dos habitantes da nossa freguesia aumente o seu cabedal de conhecimentos.

É este um problema que recomendamos aos homens que hoje dispõem dos destinos de Cacia, visto que possuímos uma colectividade recreativa que bem pode alargar mais a sua missão em proveito da educação popular e que, decerto, criando até uma biblioteca onde se passassem noites de agradável leitura, conquistaria o apoio franco e reconhecido do povo da sua terra.

Doutor Jaime de Magalhães Lima

baixações nem servilismos, amou e honrou, enalteceu e estremeceu.

Povo não é uma expressão política ou social; é uma expressão realística, é a massa laboriosa dos viventes como ele a viu nas suas obras.

Confundamo-nos neste momento com o seu anonimato, tomemos a estampanha franciscana da sua humildade e revestidos da singeleza espiritual que caracteriza os simples, curvemo-nos diante do mestre que se fez aldeão e que no retiro do seu vergel, entre o rumor das árvores e o alarido das aves, estreitando-se à terra, nos ensinou o amor, a bondade, a virtude.

Elogio da sua obra literária verdadeiramente gloriosa, elogio do seu pensamento verdadeiramente superior, elogio do seu talento verdadeiramente singular? Não!

Nesta hora em que o seu gentil espírito se tornou imortal, neste lugar sagrado que é o adito da eternidade e onde o seu corpo vai repousar para sempre entregue plenamente à terra-mãe que tanto amou num profundo e sentido recolhimento, meditemos o seu exemplo e façamos um acto de profissão da sua doutrina moral.

A Morte encontrou este Santo na prática de todas as virtudes. Quem nos dera que ao chegar a

nossa hora o mundo possa dizer: foi virtuoso e foi bom como o Mestre!

Enterremos o seu corpo que o reclama a terra! Façamos silêncio para que o seu espírito vá até Deus sem que as nossas palavras infinitas e vãs perturbem a ascensão libertadora!

Depois de uma pavorosa quadra de dias tormentosos, o céu, no dia do seu passamento, desanuviou-se subitamente e deixounos ver o sol rutilante num prenuncio de Primavera.

Dia divino este que traz em si o triunfo da vida na luz doirada que é a alegria do orbe!

Symbolismo admirável, milagre impressionante!

E' a vitória das forças criadoras sobre a confrangedora opressão das tempestades!

Cenário soberbo para a ascensão de uma alma pura e grande como a deste Justo!

Deixemos em silêncio que o desígnio da sua vida se cumpra inteiramente; a Natureza canta o triunfo da sua morte!

Por ultimo fala o sr.

Dr. Alfredo Coelho de Magalhães

que nestes termos se exprime:

«Tenho-o pensado, muitas vezes, e já o tenho dito, algumas: diante da morte, só sei ter uma

atitude — a do silêncio comovido.

E, por isso, quando, ontem, aqui cheguei, e me disseram que cumprisse o dever de proferir algumas palavras perante o cadáver do Dr. Jaime de Magalhães Lima, eu vi, logo como me oprimia a alma a tortura de sentir que não saberia dizer a admiração que todos lhe votamos, a gratidão que nos rendia, ao lembrarmos-nos que foi para junto de nós que ele veio, quando, um dia, deixando o tumulto do mundo, procurou o silêncio e a paz.

Sempre tive a sua vida para Eixo como um dos maiores dons que podiam caber, em sorte, ao povo desta terra, a cuja alma fez bem o exemplo nobilíssimo da sua vida que foi um esforço constante para atingir a perfeição.

O Dr. Jaime de Magalhães Lima era das raras almas eleitas que, podendo desprender-se das materialidades do mundo, se erguem e pairam alto, junto ao céu, tocadas da graça divina, ardendo e abrasando se no desejo de se sentirem irmãs de Deus.

Por mim o digo e creio que por todos da minha terra o poderei dizer: quando lhe pressentia os passos, logo ficava em atitude de religioso respeito, tocando-me uma tão tunda emoção que, através dela, eu compreendia que estava diante dum homem de estradas e divinas vir-

ECOS & NOTÍCIAS

LUZ ELÉCTRICA

Conjugam-se todos os esforços para que se recolham os donativos subscritos a favor da instalação da luz eléctrica nas povoações de Taboeira e Quinta do Loureiro, pois que vão dar-se inicio ás obras da cabine e depois á montagem da rede, para o que já se encontra, em Aveiro, o material necessário.

Já aqui dirigimos convite e voltamos hoje a fazê-lo, aos nossos subscritores pró-luz da Quinta, para que nos enviem as suas importâncias, a fim de que, com as outras já recebidas e depositadas na Caixa Geral de Depósitos, possamos fazer a entrega ao sr. António Marques da Graça, a quem está oficialmente confiada a missão de dirigir os trabalhos para a instalação da luz eléctrica nas referidas localidades, cuja inauguração se realizará na próxima primavera.

Convém frisar que, em virtude de ser insufficiente a verba respeitante á Quinta, pensa-se dirigir um apelo aos seus habitantes para que todos auxiliem, dentro das suas possibilidades, a realização deste importante melhoramento local.

Por isso aqui pedimos, mais uma vez, aos subscritores que ainda não enviaram as importâncias oferecidas, a fazerem-no em mais curto espaço de tempo, para que a nossa missão seja cumprida e os trabalhos da luz não sejam interrompidos por esse facto.

«PARASITAS LOCAIS»

Os que se encostam ás paredes e gastam os fundinhos nos bancos de alguns estabelecimentos da nossa terra, foram designados por *parasitas locais*, e por isso são olhados com cuidado de observação porque têm fases engraçadíssimas: — *era morde* nos seus, ora *sujam* os que os deixaram livremente representar... Até procuram introduzir-se cá em casa como... parasita em costura.

Livra!

No próximo numero:

«O valor da vontade» — por João Pereira Bastos, filho.

«Uma lição» — por Arlete Argentine Guerreiro (Argentina).

«Explicação» (Versos) — por Dr.^a Aurélia Borges.

tudes.

Não sei quem como ele teria praticado a indulgência, a singeleza e a humildade, a simpatia e o amor universalistas.

Todos os que vivemos da bondade, da ternura e da graça do seu espírito, vamos sentir, amargamente, a sua falta. Há de senti-la esta terra que o amava ternamente.

Depois de muitas vezes o ter ver lido, ansioso de o compreender e subir até onde subia o seu pensamento, e depois de tantas vezes o ouvir, sempre encantado só ontem, ao aproximar-me do seu cadáver, eu avaliei bem, diante da singeleza com que quis ao sepultassem, a grandeza do homem que, sendo dos maiores de Portugal, deixa um tão bom exemplo de humildade.

Neste momento de exaltação sagrada, confesso quanto lhe devo pelo bem que ao meu espírito fazia escutá-lo, e face a isso com a sua alma, que eu sinto erguer-se e pairar sobre nós, afirmo que, em toda a minha vida, já mais o esquecerei e deixo de bem dizer.